

# A Nação Portuguesa de Antuérpia: mercadores, mercadorias e capitais (1535-1540)

BRUNO MIGUEL DUARTE FAUSTINO

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura

<https://doi.org/10.21747/978-989-9193-14-7/inc12/a2>

## *Sumário*

O presente artigo tem como objetivo dar a conhecer o nosso projeto de investigação, que ambicionamos transformar em dissertação de mestrado, sobre as relações e as redes comerciais dos mercadores da Nação Portuguesa de Antuérpia durante o século XVI. Neste trabalho delineamos alguns aspetos relativos à aferição do nosso escopo de análise, bem como uma metodologia de abordagem a um conjunto diverso de fontes. Por fim, adiantamos um conjunto de dados semi-tratados bem como algumas ideias provisórias que se podem retirar dos mesmos e que irão ser colocadas à prova ao longo da investigação.

*Palavras-chave:* Mercadores; Comércio; Antuérpia; Século XVI.

## *Abstract*

This present article aims to showcase our investigation project, which we aspire to transform into our master's dissertation, about the commercial relations and networks of the merchants of the Portuguese Nation of Antwerp during the sixteenth century. In this paper, we present a few aspects relative to the elaboration of a solid scope of analysis, as well as a sound methodology of approach to a diverse corpus of documentation. In the end, we introduce a group of data which is being processed and conclusion hypotheses which will be put to the test throughout this investigation process.

*Keywords:* Merchants; Commerce; Antwerp; 16th century.

# 1. Tema, problemas, objetivos, cronologia e espaço

Este projeto de investigação, que pretendemos que se torne na nossa dissertação de mestrado, nasce do desejo de expandir e desenvolver com maior profundidade, uma temática já trabalhada por nós num pequeno artigo científico. Decididos a continuar com este tema, vemo-nos agora com as portas abertas para explorar essas dinâmicas de uma forma mais complexa e multifacetada do que conseguimos anteriormente. Nesse sentido, aponta-se desde já o carácter extremamente introdutório e experimental de muitos dos nossos planos de abordagem metodológica e de escopo de análise delineados nesta apresentação. Grande parte desta investigação no seu estado atual, ainda bebe as suas influências do trabalho mencionado, de forma que assumimos que muitos aspetos poderão variar em função do percurso de análise.

O tema deste projeto de dissertação encontra-se filiado na área do comércio internacional português no século XVI, centrando-se na ação dos mercadores da Nação Portuguesa de Antuérpia nessa mesma cronologia. Esta é uma instituição que, apesar de muitas referências e menções vagas, tem sido pouco explorada na historiografia nacional, embora detenha aos nossos olhos uma potencialidade historiográfica significativa. O nosso foco irá debruçar-se sobre as redes comerciais em que os tratantes da comunidade mercantil lusa se inseriam, privilegiando sobretudo a sua interação com os territórios portugueses, tanto continental como colonial. Todavia, não pretendemos negligenciar outros prismas de análise associados às questões político-institucionais e sociológicas da colónia mercantil.

A importância do porto de Antuérpia para a economia dos descobrimentos portugueses é já conhecida em ampla medida<sup>1</sup>. Após o declínio da hegemonia financeira de Bruges nos finais do século XV, fruto de uma complexa mudança de equilíbrio no xadrez político dos Países Baixos, à qual se junta o assoreamento do seu porto, será Antuérpia que lhe irá suceder como coração comercial e financeiro de uma economia global<sup>2</sup>. Neste processo de afirmação da urbe brabantina, no qual

---

1 Vide Vitorino Magalhães Godinho, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*. 4 vols. (Lisboa: Presença, 1984) para uma visão global do papel do mercado da Flandres como centro de consumo de matérias-primas de origem colonial portuguesa.

2 Para uma visão geral da ascensão financeira e comercial da cidade de Antuérpia vide Jim Bolton and Francesco Guidi Bruscoli, "When did Antwerp replace Bruges as the Commercial and Financial Centre of North-Western Europe? The Evidence of the Borromei Ledger for 1438", *Economic History Review*, 61.2 (2008): 360-79. Sublinhar também a relevância das obras de Oscar Gelderblom, *Cities of Commerce: The Institutional Foundations of International Trade in the Low Countries, 1250-1650* (Princeton: Princeton University Press, 2013) e Jeroen Puttevils, *Merchants and Trading in the Sixteenth Century: The Golden Age of Antwerp* (New York: Routledge, 2015).

contribuíram diversos agentes e processos, não se pode deixar de sublinhar a fatia substancial que os portugueses representaram através do contributo das suas rotas comerciais que proporcionavam o acesso a uma ampla gama de preciosas mercadorias atlânticas, africanas e orientais<sup>3</sup>. Além do comércio conduzido sob a direção dos monarcas através do seu feitor régio, juntava-se a ele o contributo dos mercadores privados da Nação Portuguesa que também detinham um papel efetivo na comercialização dessas mercadorias.

Tendo isto em mente, um dos objetivos principais desta investigação é perceber o papel e o contributo dos mercadores da Nação Portuguesa neste sistema comercial global centrado em Antuérpia. Procuraremos centrar-nos em dados essenciais como que tipo de mercadorias são transacionadas através destes agentes, qual o volume de transações (isto é, quantificar em peso e medidas os produtos) e quais os capitais correspondentes que circulam nestas rotas. Para além disso, não deixaremos de dar especial atenção também aos mecanismos e instrumentos financeiros usados nessas operações de forma a compreender o *modus operandi* destes agentes comerciais.

Sendo impossível dissociar destes aspetos aqueles relacionados com o enquadramento político-institucional da Nação Portuguesa bem como a sua constituição sociológica, também pretendemos tratar destas problemáticas que ainda foram pouco analisadas. Durante muito tempo a historiografia nacional, partindo de uma visão centralista da participação comercial da Coroa espelhada nos trabalhos antigos de Oliveira Marques e Nunes Dias, tendia a olhar para a nação mercantil portuguesa da Flandres como uma instituição imiscuída e até mesmo tutelada pela própria feitoria régia<sup>4</sup>. Com base nos mais recentes estudos de Elbl e Sicking sobre as instituições do comércio internacional europeu, apesar de ser rechaçada essa visão e sublinhadas as diferenças institucionais entre ambos e a independência de ambas as estruturas, o facto de o feitor vir a acumular os cargos de cônsul regularmente ao longo

---

3 Michael Limberger, “The greatest marketplace in the world: the role of Antwerp in the economic and financial network of the Habsburg Empire”, in *Les villes des Habsbourg du xve au xixe siècle: communication, art et pouvoir dans les réseaux urbains*, ed. L. Pelizaeus, vol. 2 (Reims: Épure, 2020), 45–62.

4 A.H. de Oliveira Marques, “Notas para a história da feitoria portuguesa na Flandres no século XV” in *Ensaios de História Medieval Portuguesa*, ed. A.H. de Oliveira Marques, (Lisboa: Portugália Editora, 1965). Manuel Nunes Dias, *O Capitalismo Monárquico Português (1415-1549)*, 2 vols. (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Instituto de Estudos Históricos Dr. António Vasconcelos, 1963).

do século XVI continua a levantar dúvidas relacionadas com o enquadramento jurídico destas duas instituições<sup>5</sup>.

Por outro lado, relacionado com a análise sociológica da Nação Portuguesa, os estudos dominantes parecem indicar uma presença e influência significativa dos cristãos-novos na Nação Portuguesa. Trabalhos nesta linha como os de Goris e sobretudo Veiga Frade, contrastam também com a visão de Hans Pohl que apresenta uma perspetiva diferente<sup>6</sup>. Todavia, pouco sabemos relativamente à sua interação e relacionamento com os restantes poderes instalados, num período em que a radicalização e a divisão religiosa irão ter uma importância fundamental para perceber o desenvolvimento político de Antuérpia, sobretudo a partir da segunda metade do século XVI<sup>7</sup>.

A nossa cronologia de investigação está condicionada pelas próprias fontes e sujeita a alterações à medida que este projeto avançar. Nós pretendemos que se centre no intervalo de tempo que vai desde a fixação dos mercadores portugueses em Antuérpia (1499-1510) até cerca da década de setenta, que corresponde ao início do declínio da hegemonia financeira e comercial de Antuérpia<sup>8</sup>. Relativamente ao espaço de análise, o centro das nossas atenções será o porto brabantino. Contudo, não deixaremos de atentar às interações comerciais produzidas pelos mercadores portugueses com as diversas regiões periféricas do globo, sobretudo as pertencentes ao império português e à metrópole.

---

5 Louis Sicking, “Funduq, Fondaco, Feitoria. The Portuguese Contribution to the Globalisation of an Institution of Overseas Trade” in *Maritime Networks as a Factor in European Integration*, ed. Giampiero Nigro (Florence: Firenze University Press, 2019). Louis Sicking, “The Medieval Origin of the Factory or the Institutional Foundation of Overseas Trade: Toward a Model for Global Comparison”. *Journal of World History*, vol. 31, no. 2 (2020). Ivana Elbl “Nation, Bolsa, and Factory: Three Institutions of Late-Medieval Portuguese Trade with Flanders”. *The International History Review*, 14, no. 1 (1992).

6 Florbela Veiga Frade, *As Relações Económicas e Sociais Das Comunidades Sefarditas Portuguesas. O Trato e a Família*. (Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2006). Jean A. Goris, *Etude Sur Les Colonies Marchandes Méridionales (Portugais, Espagnols, Italiens) à Anvers de 1488 à 1567*. (Louvain: Librairie Universitaire, 1925). Hans Pohl, *Die Portugiesen in Antwerpen (1567 - 1648): zur Geschichte einer Minderheit* (Wiesbaden: Steiner, 1977).

7 Jean A. Goris, *Etude Sur Les Colonies Marchandes Méridionales (Portugais, Espagnols, Italiens) à Anvers de 1488 à 1567*. (Louvain: Librairie Universitaire, 1925).

8 Michael Limberger, “The greatest marketplace in the world: the role of Antwerp in the economic and financial network of the Habsburg Empire”, in *Les villes des Habsbourg du xve au xixe siècle: communication, art et pouvoir dans les réseaux urbains*, ed. L. Pelizaeus, vol. 2 (Reims: Épure, 2020), 45–62.

## 2. Enquadramento historiográfico

Como foi dito anteriormente, na historiografia portuguesa as referências ocasionais aos laços comerciais com a região da Flandres e dos restantes Países Baixos são bastante extensas<sup>9</sup>. Todavia, no que diz respeito à existência de estudos específicos sobre a presença mercantil portuguesa em Antuérpia de forma extensiva, o nosso acervo bibliográfico fica bastante reduzido. No campo historiográfico português, dispensando os valiosos trabalhos de compilação de fontes para o assunto de Braamcamp Freire no início do século XX, foi Oliveira Marques dos primeiros a debruçar-se sobre o tema da presença portuguesa nesta região, embora só se foque em Bruges no século XV<sup>10</sup>. Apesar de se tratar de uma tentativa de ensaio bastante introdutório, o autor oferece-nos um panorama geral da construção gradual das relações comerciais portuguesas com esta região.

Nas últimas décadas, o cenário alterou-se significativamente e surgiram trabalhos valiosos que voltam a tratar esta temática. Nesse campo, os trabalhos de Flávio Miranda embora se centrem numa cronologia e espaço diferentes, já que não chega a estudar a presença mercantil em Antuérpia, são fundamentais para uma visão geral das relações comerciais portuguesas com o Atlântico Norte<sup>11</sup>. A tese de doutoramento de Veiga Frade foi também inovadora por ter sido uma das primeiras monografias que trata a comunidade mercantil portuguesa de Antuérpia, apesar de a analisar adotando uma perspetiva centrada na presença sefardita<sup>12</sup>. Muito recentemente, tivemos contacto com um artigo de Maria Amélia Oliveira que trabalha sobre o mesmo assunto recorrendo a um conjunto de documentação de cariz notarial, embora a sua cronologia seja posterior de 1596-1606<sup>13</sup>.

---

9 Citamos entre muitos outros os de maior relevância no âmbito deste estudo como os de Virgínia Rau, *Estudos sobre a História do Sal Português* (Lisboa: Editorial Presença, 1984) e Vitorino Magalhães Godinho, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*. 4 vols. (Lisboa: Presença, 1984).

10 A.H. de Oliveira Marques, “Notas para a história da feitoria portuguesa na Flandres no século XV” in *Ensaios de História Medieval Portuguesa*, ed. A.H. de Oliveira Marques (Lisboa: Portugália Editora, 1965). Anselmo Braamcamp Freire, *Arquivo Historico Portuguez*, vol. 5,6 e 7 (Lisboa, 1903-1916).

11 Flávio Miranda, *Portugal and the Medieval Atlantic: Commercial Diplomacy, Merchants and Trade, 1143-1488*, (PhD Thesis, Porto, 2012). Flávio Miranda, *Commerce, conflicts et justice: les marchands portugais en Flandre à la fin du Moyen Age*. (Annales de Bretagne et des pays de L’Ouest, CXVII, Rennes, 2010), 193-208.

12 Florbela Veiga Frade, *As Relações Económicas e Sociais Das Comunidades Sefarditas Portuguesas. O Trato e a Família*. (Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2006).

13 Maria Amélia Oliveira, “Os que ficam: comunidade portuguesa em Antuérpia, 1596 – 1606” in *Omni Tempore – Atas dos Encontros da Primavera 2020*. (Porto, FLUP, 2021), 241-262.

No entanto, é precisamente na historiografia internacional, sobretudo a neerlandesa e belga, que se tem explorado mais esta temática. Os dois trabalhos centrais continuam a ser os de Goris e Hans Pohl<sup>14</sup>. Juntos abarcam um longo período que vai de 1488 até 1648 e atentam em vários aspetos que vão desde o enquadramento jurídico, relação com os poderes instalados, mecanismos financeiros e operações comerciais. Trata-se de duas obras fundamentais que continuam em grande parte atuais pela exaustão, rigor e pluralidade das informações contidas. Relativamente às questões de cariz institucional, os artigos de Ivana Elbl e Louis Sicking são centrais para perceber o enquadramento jurídico da Nação Portuguesa e que muito ajudaram a clarificar a ambiguidade conceptual de que estavam revestidas as duas instituições<sup>15</sup>.

Por outro lado, autores como John Everaert e Eddy Stols foram responsáveis por renovar estes estudos através da sua análise do papel dos mercadores portugueses em Antuérpia, fornecendo-nos dados essenciais sobre os mercados e redes comerciais que a nação lusa se inseria<sup>16</sup>. Também de valor para o tema, mas um pouco mais afastados da nossa cronologia, não se pode deixar de mencionar os contributos de Jacques Paviot que se dedicou ao estudo da presença portuguesa em Bruges de uma forma aprofundada e nos ajuda a perceber as transformações ocorridas nos finais do século XV quando esta cidade começa a perder a sua hegemonia face à cidade do Brabante<sup>17</sup>.

### 3. Fontes e Metodologia

Desde logo, um dos maiores desafios que se coloca à nossa investigação diz respeito à construção de um *corpus* documental que nos permita efetuar as análises

---

14 Jean A. Goris, *Etude Sur Les Colonies Marchandes Méridionales (Portugais, Espagnols, Italiens) à Anvers de 1488 à 1567*. (Louvain: Librairie Universitaire, 1925). Hans Pohl, *Die Portugiesen in Antwerpen (1567 - 1648): zur Geschichte einer Minderheit* (Wiesbaden: Steiner, 1977).

15 Louis Sicking, "Funduq, Fondaco, Feitoria. The Portuguese Contribution to the Globalisation of an Institution of Overseas Trade" in *Maritime Networks as a Factor in European Integration*, ed. Giampiero Nigro (Florence: Firenze University Press, 2019). Louis Sicking, "The Medieval Origin of the Factory or the Institutional Foundation of Overseas Trade: Toward a Model for Global Comparison". *Journal of World History*, vol. 31, no. 2 (2020). Ivana Elbl "Nation, Bolsa, and Factory: Three Institutions of Late-Medieval Portuguese Trade with Flanders". *The International History Review*, 14, no. 1 (1992).

16 Eddy Stols, *De Spaanse Brabanders of de Handelsbestrekkingen Der Zuidlijke Nederlanden Met Iberische Wereld 1598-1648* (Brussels: Paleis der Academiën, 1971). John Everaert e Eddy Stols. *Flandres e Portugal. Na Confluência de Duas Culturas*. (Antwerp: Edições Inapa, Fonds Mercator, 1991). John Everaert, "Les marchés du sucre en Flandre. Bruges et Anvers, centres de distribution (1470-1570)", in *História do Açúcar. Rotas e Mercados*, org. Alberto Vieira (Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 2002).

17 Jacques Paviot. *Les Portugais à Bruges* (Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian, XXXVIII, Paris, 1999).

que pretendemos fazer. Nesse sentido, enfrentamos uma série de obstáculos que uma grande maioria dos investigadores ligados à área da história comercial e mercantil em Portugal se tem de deparar. É já conhecido como, devido a várias razões, uma grande parte da documentação de cariz alfandegário e comercial para o período medieval do nosso país não chegou até nós, o que nos priva de um conjunto de excelentes fontes com dados que nos permitia efetuar estudos detalhados sobre o comércio internacional português. Desta forma, muitos autores desta área vêm-se obrigados a atentar às fontes de cariz diplomático e notarial de forma a retirar dados indiretos ligados a estas dinâmicas<sup>18</sup>. No nosso caso, iremos também fazer uso do cartulário de Gilliodst Van Severen que, apesar de centrado no século XV e em Bruges, se estende até a primeira metade do século XVI e pode ter informações que nos ajudem a perceber as transformações operadas nesse período<sup>19</sup>.

Para o século XVI, destaca-se um conjunto de documentação que se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Esta está incluída no subfundo da Feitoria portuguesa de Antuérpia, que do nosso conhecimento, ainda não foi explorado de acordo com o seu potencial<sup>20</sup>. Este detém um conjunto de informações relativas ao funcionamento da feitoria, mas também da Nação de mercadores portugueses. Dentro desta documentação, damos especial destaque aos dois livros de róis das avarias dos navios, que são riquíssimos para tentar reconstruir as atividades comerciais dos mercadores portugueses<sup>21</sup>. Acima de tudo, ela dá-nos dados quantitativos de preços, pesos e medidas dos produtos e dos capitais correspondentes. A sua cronologia vai de 1535 até 1572 apenas com um hiato de dez anos entre 1555-1565, o que já nos possibilita o recurso a uma análise que se aproxima da diacronia. Nesse mesmo fundo, temos também um conjunto disperso de registos que vão desde assentos de dívidas, registos da eleição dos cônsules e de deputados e outra documentação diversa de cariz jurídico-

---

18 Foi em grande parte nesta tipologia de fontes que Hans Pohl se baseou para o seu estudo.

19 L. Gilliodts Van Severen (ed.), *Cartulaire d'ancienne estaple d'Espagne à Bruges* (Brugge: De Plancke, 1904).

20 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (=ANTT), Ministério dos Negócios Estrangeiros(=MNE), Feitoria portuguesa de Antuérpia(=FPA).

21 ANTT, MNE, FPA, registo de róis de avarias dos navios 1535/1575. Do nosso conhecimento, sabemos que Magalhães Godinho cita dados de Virgínia Rau inspirados na consulta de ambos estes livros citados em Virgínia Rau, *Estudos sobre a História do Sal Português* (Lisboa: Editorial Presença, 1984). Por outro lado, também Leonor Freire Costa e Amélia Polónia referem-se a esta fonte em Leonor Freire Costa, *Naus e galeões na Ribeira de Lisboa. A construção naval no Século XVI para a Rota do Cabo* (Cascais: Patrimonia, 1997) e Amélia Polónia, *Vila do Conde: um porto nortenho na expansão ultramarina quinhentista* (Porto, 1999). Contudo, convém destacar que os autores não utilizaram os dados quantitativos disponíveis nestes livros relativos a montantes e pesos e medidas das mercadorias que são o grande objetivo na nossa análise dessa fonte.

notarial que não deixa de ser relevante<sup>22</sup>. Além desta, Braamcamp Freire também publicou algumas cartas de correspondência do feitor da “Flandres”, que nos ajudam também a perceber as suas interações com a Nação mercantil<sup>23</sup>.

Contudo, de forma a completar esta informação, torna-se imperativo recorrer à investigação nos arquivos estrangeiros, nomeadamente de Antuérpia, para compreender melhor a presença portuguesa nesta cidade brabantina. Este irá ser o futuro do estudo desta temática já que irá possibilitar fazer a ponte entre as informações que possuímos nos nossos acervos documentais de forma a trazer à luz novas perspetivas e resultados. No entanto, uma das suas grandes limitações diz respeito às barreiras linguísticas que a documentação poderá impor, já que grande parte desta se encontra em flamengo médio que é de grande dificuldade interpretativa<sup>24</sup>.

Relativamente à nossa metodologia convém diferenciá-la em função de dois tipos de análise que pretendemos fazer: a social e a económica. No que diz respeito à leitura dos dados de cariz comercial e financeiro presentes na documentação indicada, decidimos organizar uma base de dados em Excel que integra vários aspetos referentes às redes comerciais dos mercadores portugueses. Definimos sete grupos temáticos de forma a absorver o máximo de dados possíveis desta documentação rica dos róis de avarias: 1) Data da chegada do navio 2) Local de origem da embarcação 3) Nome e tipologia da embarcação 4) Mestre da embarcação e a sua naturalidade 5) Mercadorias transportadas e a sua descrição quantitativa (peso e medidas) 6) Montante correspondente da respetiva carga (em libras, soldos e dinheiros) 7) Proprietários dos produtos transportados. Por outro lado, sempre quando possível acrescentamos dados relativos aos preços e às suas variações nessa mesma base de dados.

Para analisar os mercadores da comunidade mercantil portuguesa de Antuérpia, embora ainda estejamos no processo de delinear um modelo metodológico apropriado, pensamos efetuar uma abordagem prosopográfica que procure explorar o perfil deste grupo de comerciantes de forma a conhecer as suas características fundamentais. A sua estrutura poderá assemelhar-se ao seguinte modelo: 1) Nome do indivíduo 2) Origem etnográfica 3) Cargos desempenhados (se aplicável) 4) Texto com uma descrição breve dos seguintes aspetos: a) Tipo de mercadorias que mais comercializa

---

22 ANTT, MNE, FPA.

23 Anselmo Braamcamp Freire, *Arquivo Historico Portuguez*, vols. 6,7 e 8 (Lisboa, 1903-1917).

24 Pormenor este que Miranda já tinha alertado em Flávio Miranda, *Portugal and the Medieval Atlantic: Commercial Diplomacy, Merchants and Trade, 1143-1488*, (PhD Thesis, Porto, 2012).



b) Intervalo de montantes correspondentes no qual o mercador se encontra c) padrões relativos aos seus sócios e períodos cronológicos de operações comerciais.

#### 4. Estrutura temporária do trabalho final

No que diz respeito à estrutura do trabalho final, pensámos em estruturá-lo provisoriamente em duas partes. Na primeira parte, entendemos tratar de tópicos de carácter mais introdutório e contextualizante que preparem e esclareçam as temáticas principais que irão ser abordadas. Esta primeira parte irá por sua vez ser dividida em duas subpartes. A primeira delas irá centrar-se na construção histórica gradual da presença mercantil portuguesa na região da Flandres, desde os indícios da sua fixação em Bruges até chegarmos a Antuérpia. Já na segunda iremos centrar-nos nos aspetos relativos ao enquadramento jurídico-institucional dos mercadores da Nação Portuguesa bem como as suas relações com os poderes circundantes, nomeadamente a feitoria régia e as autoridades locais.

Já na segunda parte, que irá corresponder ao grosso da nossa investigação, dividimo-la também em duas sub-partes: uma delas em que se privilegia a análise económica centrada nas mercadorias, nos capitais e aos aspetos relacionados com as operações comerciais e financeiras, e a segunda onde iremos abordar as questões sociais da comunidade mercantil centrada nos mercadores e em questões como a sua constituição e perfil sociológico.

#### 5. Dados semi-tratados e conclusões provisórias

Nesta altura da nossa investigação, apesar de estar ainda numa fase inicial, se nos basearmos nos dados semi-tratados que já possuímos, poderemos ponderar algumas conclusões temporárias que irão ser exploradas e confirmadas em maior detalhe ao longo desta investigação. Em primeiro lugar, uma das ideias a retirar é que se consegue identificar uma linha de continuidade no que diz respeito à comercialização de produtos agrícolas mediterrânicos por parte dos mercadores portugueses no mercado de Antuérpia do século XVI<sup>25</sup>. Produtos como os figos, azeite e vinho, entre outros, que marcavam maioritariamente as exportações do território português nos séculos XV para Bruges, não irão desaparecer do conjunto de mercadorias transacionadas pelos portugueses mesmo após a chegada do açúcar e das especiarias ao mercado europeu nos finais do século XV. Contudo, isto não anula o facto de o açúcar ser indiscutivelmente a mercadoria mais valiosa a ser transacionada no período para já

---

25 Ver Gráfico 1 em anexo.

tratado (1535-1540) com uma média aproximada de 39 000 arrobas anuais que chegam à casa da Nação Portuguesa<sup>26</sup>. Este dado também se confirma na representatividade da origem das embarcações fretadas pelos mercadores portugueses, já que coloca a ilhas atlânticas (São Tomé e Madeira) como os locais maioritários de onde chegam os produtos<sup>27</sup>.

Por outro lado, numa primeira análise conseguimos identificar as diferenças em termos de participação e contributo dos mercadores privados portugueses entre o mercado das especiarias e do açúcar. No primeiro, sujeito ao regime de monopólio da coroa, identifica-se uma participação menor por parte dos mercadores privados portugueses, em comparação com o esmagador valor das cargas das armadas régias ou dos parceiros dos contratos<sup>28</sup>. Já o mercado do açúcar mostrava-se mais liberalizado e aberto à presença dos agentes mercantis. Mercadores portugueses como Gabriel de Negro, detinham ligações bastante próximas com as ilhas atlânticas, sobretudo da Madeira e de São Tomé<sup>29</sup>. Curiosamente, no que diz respeito à presença dos portos do noroeste português nesta geografia norte europeia, apenas se identifica para já o domínio da representatividade dos mestres das embarcações que circulavam nestas rotas<sup>30</sup>.

Relativamente a outros dados relativos à constituição sociológica desta comunidade, ainda não possuímos muita informação para já. Mas em função dos valores transacionados já conseguimos identificar um conjunto de grandes tratantes, como o caso do já mencionado Gabriel de Negro e António Fernandes, ambos eles indivíduos de origem sefardita<sup>31</sup>.

---

26 Ver Gráfico 2 em anexo.

27 Ver Gráfico 3 em anexo.

28 Ver Gráfico 4 em anexo.

29 ANTT, MNE, FPA, livro 1 de registo de róis de avarias dos navios 1535/1555 fl. 1 a 90v.

30 Ver Gráfico 3 em anexo. ANTT, MNE, FPA, livro 1 de registo de róis de avarias dos navios 1535/1555 fl. 1 a 90v.

31 Ver Gráfico 5 em anexo. Jean A. Goris, *Etude Sur Les Colonies Marchandes Méridionales (Portugais, Espagnols, Italiens) à Anvers de 1488 à 1567*. (Lovain: Librairie Universitaire, 1925).

## Anexos

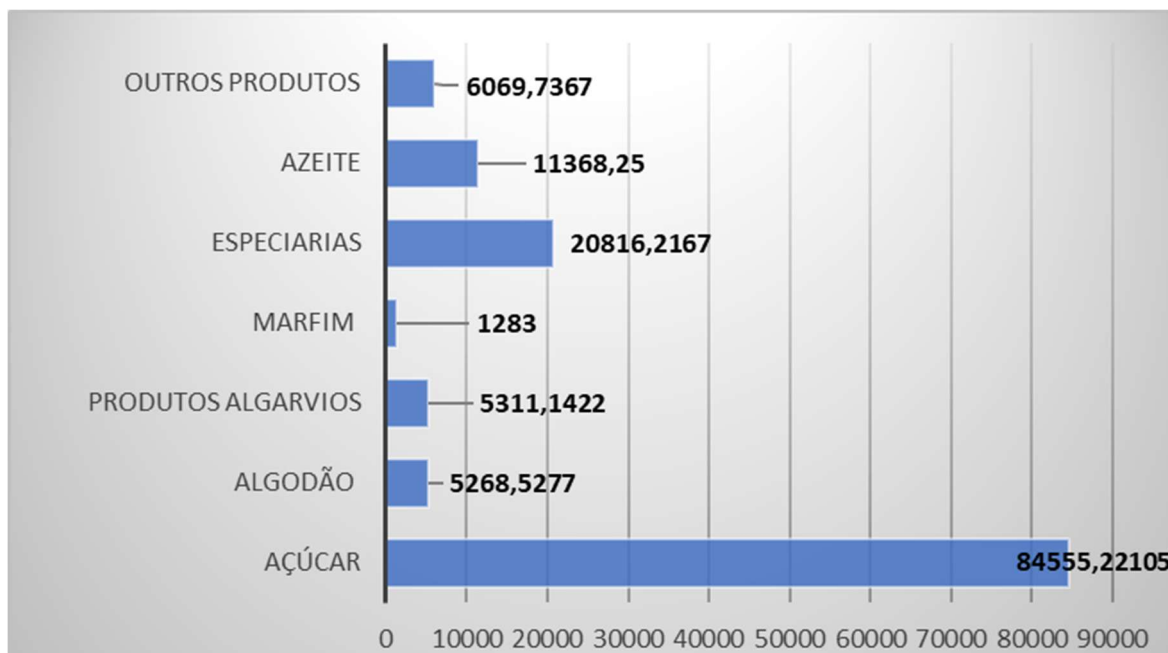


Gráfico 1 – Valor dos produtos (em libras de Tours) que chegam à casa da nação portuguesa de Antuérpia entre 1535-1540<sup>32</sup>.

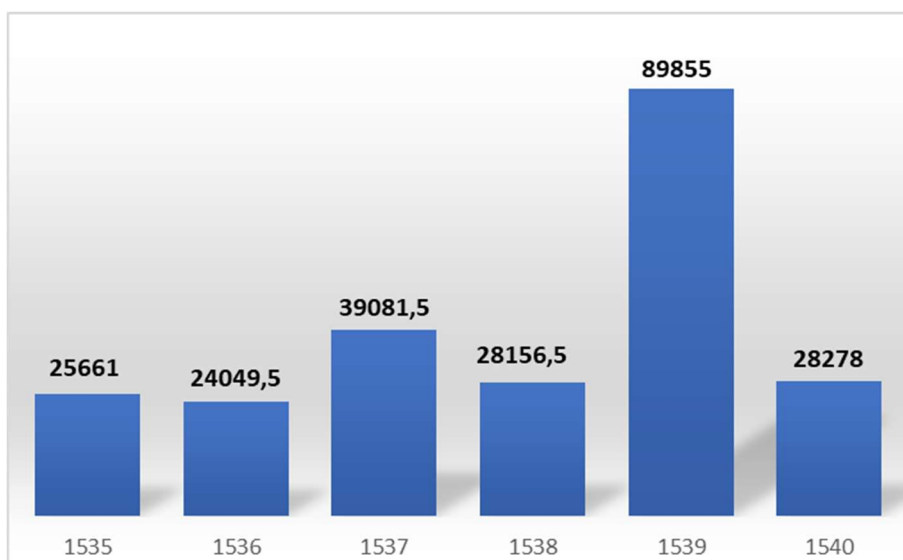


Gráfico 2 – Quantidade de açúcar (em arrobas) que chega a Antuérpia pelos mercadores da nação portuguesa (1535-1540)<sup>33</sup>.

32 Fonte: ANTT, MNE, FPA livro 1 de registo de róis de avarias dos navios 1535/1555 fl. 1 a 90v.

33 *Ibidem*.

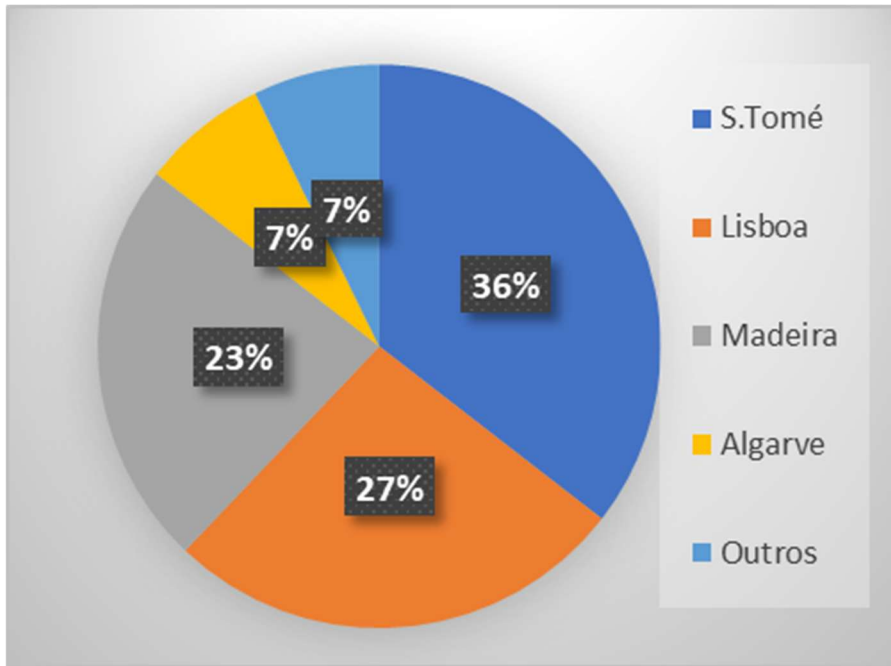


Gráfico 3 – Distribuição em percentagem dos locais de origem dos navios que aportam em Antuérpia (1535-1540)<sup>34</sup>.

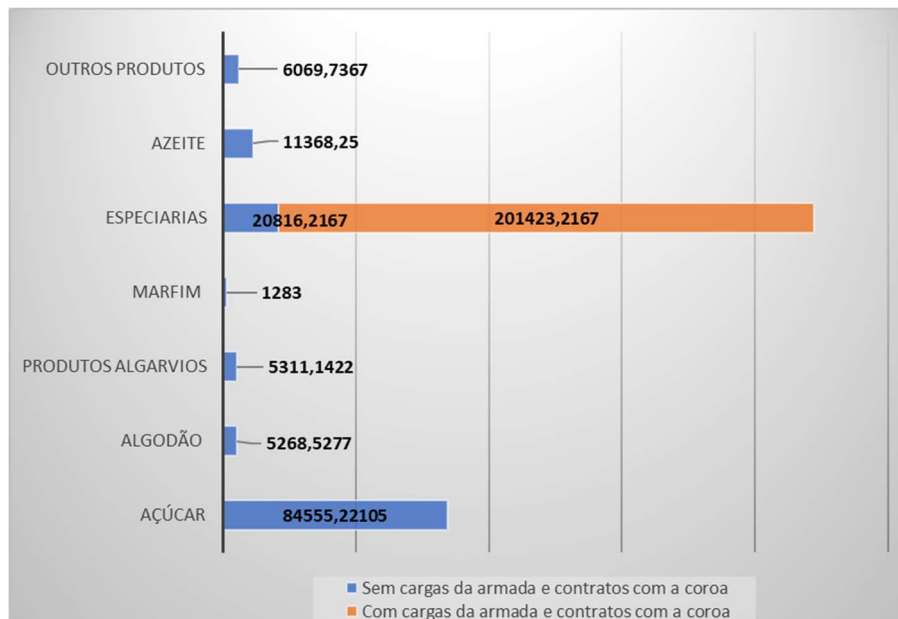


Gráfico 4 – Valor dos produtos (em libras de Tours) que chegam à casa da nação portuguesa de Antuérpia entre 1535-1540 incluindo as cargas da armada e contratos com a coroa<sup>35</sup>.

34 *Ibidem.*

35 *Ibidem.*

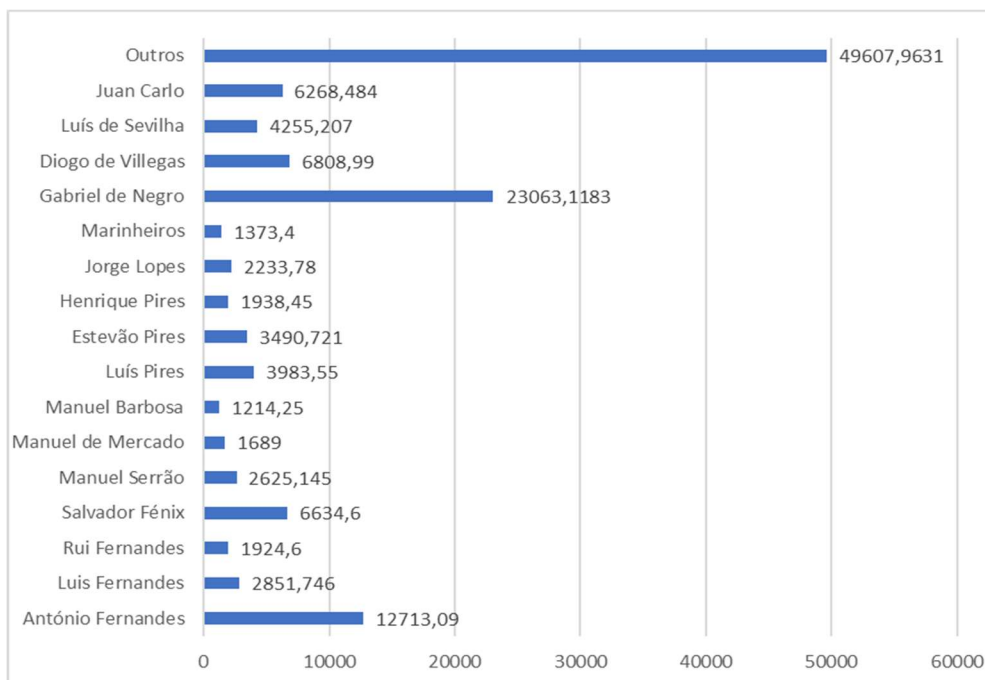


Gráfico 5 — Valor em libras dos produtos que chegam à casa da Nação Portuguesa em Antuérpia em função dos mercadores mais importantes (1535-1540)<sup>36</sup>.

---

36 *Ibidem.*